

EDITORIAL

O Laboratório de História Antiga (Lhia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) apresenta o primeiro número da revista **Phoînix** de 2019, que se propõe a comemorar os oitenta anos do curso de História dessa universidade, completados neste ano, e o percurso de dedicação do professor José Antonio Dabdab Trabulsi à área de História Antiga. Este número, em especial, é dedicado à sua trajetória acadêmica, que se iniciou na UFRJ, como aluno de Graduação, e se concluiu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como professor titular. Além de uma alusão ao nosso curso, a escada do prédio do Largo de São Francisco de Paula, onde hoje funciona o Instituto de História, e que ilustra a capa deste número, é uma referência ao passado do professor Dabdab na UFRJ.

Dos nove artigos que compõem o presente volume, seis constituem o dossiê em homenagem ao professor Dabdab. Todos os autores fizeram parte da sua trajetória, seja como alunos/orientandos ou como colegas que as trocas acadêmicas transformam em amigos. As temáticas abrangem desde a Grécia homérica, até a Idade Média. Já os artigos de Marta Mega de Andrade, Belchior Monteiro Lima Neto e Maria Eichler Sant'Angelo, que constituem a seção de artigos livres, abordam o mundo greco-romano.

De modo a apresentar o significado do professor Dabdab Trabulsi para todos nós, historiadores da Antiguidade no Brasil, reproduzimos abaixo uma carta¹ enviada por François Hartog, professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), para a ocasião de abertura do evento em homenagem a Dabdab na UFMG intitulado "Formas políticas na Antiguidade: por um elogio à democracia", realizado entre os dias 11 e 12 de abril de 2018.

"Caro Professor Trabulsi, querido Dabdab,

Neste dia, gostaria de acrescentar minha voz à voz de seus colegas, alunos e amigos que desejaram prestar homenagem a você por ocasião de sua aposentadoria. Impedido de estar presente direta ou

indiretamente (via Skype, por exemplo), no momento em que Lorena Lopes, sua ex-aluna, ler esta carta, eu estarei na China. Você em Belo Horizonte, eu em Pequim, eu em um país onde a democracia está menos do que nunca na ordem do dia, e você em um Brasil onde a democracia recentemente se tornou um problema, se é que não está em questão...

Se eu menciono a democracia, é certamente, porque ela tem sido a grande questão da sua vida como pesquisador e cidadão. Basta retomar sua bibliografia para ser convencido. Você, com efeito, não parou de ir dos antigos aos modernos, de confrontar "O antigo e o contemporâneo", para usar o título de um de seus livros recentes.² Você traçou os retratos daqueles a quem chamou de "Péricles do século XX"³ e examinou as tradições intelectuais, políticas e religiosas do século XIX, confrontando-as com a cidade grega. Penso, por exemplo, em sua obra "A cidade grega positivista".⁴ Não vamos nos esquecer que estamos no Brasil! Tudo isso já lhe garante um lugar singular entre os historiadores da antiguidade.

Uma segunda singularidade é que você é o mais francófono dos historiadores brasileiros da antiguidade. Todos os seus livros, se não me engano, foram escritos pela primeira vez em francês. Tudo se liga, penso eu, à Universidade de Besançon e a seu encontro com aquele que nomeávamos então Decano Lévêque. Você defendeu sua tese em Besançon e o Centro de Pesquisa criado por Pierre e Monique Lévêque se manteve como sua base: de trabalho, de referência, de sociabilidade. Você ainda figura lá como pesquisador associado. Você sempre retornou, você publicou nas coleções da Universidade. Em suma, você é, com certeza, aquele que mais pertence a Besançon dentre os historiadores brasileiros da antiguidade. Essa fidelidade a um lugar, a uma abordagem, a um tipo de questionamento merece, especialmente hoje, ser lembrada.

Mais pessoalmente, eu gostaria de mencionar como você e sua esposa me receberam calorosamente em Belo Horizonte na primeira vez que vim para cá. Então, me beneficieei de sua disponibilidade e sua preocupação em me fazer descobrir algumas características de Minas, seja a arquitetura ou a culinária. Se eu me esqueci do nome, eu não me esqueci do enorme restaurante ao ar livre! Como

tenho certeza de que não fui o único a se beneficiar do seu senso de hospitalidade, talvez não o homérico, mas todo contemporâneo e peculiar a seu modo de ser; agradeço novamente em meu nome e em nome de todas aquelas que você recebeu em Belo Horizonte.

Todos os meus votos te acompanham. Continue, querido Dabdab, continue; a democracia precisa muito disso!"

Este número ainda pretende iniciar as comemorações de dois outros eventos importantes também na história de Dabdab: o centenário da Universidade Federal do Rio de Janeiro e os 25 anos da publicação do primeiro número da *Phoênix* – ambos ocorrerão em 2020. Não podemos esquecer que rememorar a história da maior Universidade federal brasileira é colocar em relevo a nossa própria sociedade.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoênix*.

Os Editores

Notas

¹ Tradução do francês: Lorena Lopes da Costa.

² DABDAB TRABULSI, José Antonio. *L'Antique et Le Contemporain*. Besançon/França: PUFC, 2009.

³ DABDAB TRABULSI, José Antonio. *Le Present dans le Passé*. Besançon: PUFC, 2011.

⁴ DABDAB TRABULSI, José Antonio. *La - citégrecque - positiviste*. Anatomie d'un modèle historiographique. Paris: L'Harmattan, 2001.